

INVASORES FALAM MAL DO GOVERNO E INSULTAM FUNCIONÁRIOS EM DERRUBADA NO RIACHO FUNDO

APRECIANDO A DEMOLIÇÃO

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Protegidos pela sombra das poucas árvores em frente aos barracos de madeirite, os invasores ainda tinham esperança de não ver a chegada do pelotão de policiais e de fiscais. Mas assim que os policiais da cavalaria montada e os oito caminhões-carroceria da Terracap despontaram na Avenida Sucupira, as famílias começaram a se mobilizar.

A turma menos resistente tratou logo de começar a desmontar o pró-

prio barraco. “Não tem jeito mesmo. Pelo menos a gente salva as telhas e aproveita a madeira. Se deixar, eles estragam tudo”, conformava-se o pedreiro José Ribamar Queiroz Carvalho, 29 anos, que morava na invasão do Riacho Fundo I desde 10 de janeiro.

Já a turma mais resistente ergueu cartazes, xingou, gritou, mas foi vencida pelo cansaço. Os 60 policiais e 80 funcionários e fiscais que participaram da operação foram instruídos a não reagir às provocações dos invasores. No final, os 80 barracos da invasão que crescia à beira da Avenida

Sucupira foram erradicados em cinco horas. Pacificamente.

Não foram poucas as tentativas de tumulto. O mais insultado foi o fiscal de obras Douglas Lobo, 29 anos, presidente da Comissão de Levantamento das Invasões. Era chamado de “Carla Perez” e de “nanico safado”. As mulheres faziam coro para criticá-lo e diziam que era uma vingança pela forma como foram tratadas por ele na quarta-feira, quando a equipe de fiscais do Serviço de Vigilância do Solo (SivSolo) notificou os invasores.

“Ele chegou aqui na ignorância, cantando de galo e humilhando a gente. Se tivesse chegado com humildade, teria sido bem tratado”, justificou Áquila Oliveira das Neves Durval, 22 anos, uma das mais exaltadas. “Simplesmente cumpri o meu papel. Só que nós não podíamos prometer lotes. Era isso que os invasores queriam ouvir. E essas pessoas que tanto reclamam aqui são os *papa-tango* do PT, da profissão do tumulto”, reagiu o fiscal Douglas.

Patrícia de Souza, 28 anos, também não parou de reclamar até o final da operação. “Essa é a Segurança sem Tolerância do Roriz, né? Falaram que iam mandar os nossos lotes e mandaram foram os PM”, criticou. Aliás, o governador Joaquim Roriz era o alvo preferencial das críticas dos invasores. “As crianças estão sem teto por falta da palavra do governador que escolhemos”, dizia o cartaz que a menina Talita Cristina, de 11 anos, carregava de um lado pro outro.

“Confesso a você que não fazemos essas demolições com o coração. As pessoas que moram aqui, que têm

Raimundo Paccó



Recados a Joaquim Roriz eram vistos nas paredes de madeirite que caíam e ouvidos nos protestos dos acampados

móveis, realmente precisam. Mas, se o governo não tomar nenhuma providência, o DF passa a ser uma grande favela”, comentou o major Esmeraldo Oliveira, gerente do SivSolo.

Enquanto ele justificava a operação, os funcionários que participavam do desmonte desfaziam gambiarras, cortavam cercas de arame farpado e usavam motosserra para partir ao meio as estacas que sustentavam os barracos. O material era recolhido e transportado nas carroce-

rias dos caminhões para o depósito da administração regional.

Uma equipe de assistentes sociais acompanhou a operação. Às famílias que não tivessem para onde ir — casa de parentes e amigos, por exemplo —, foi oferecido abrigo no Centro de Apoio Social, em Taguatinga. “Eu não vou. Se não querem me dar lote, vou procurar outro lugar para invadir então. E se ficar um barraco aqui, eu faço o meu de novo”, insistia o baiano Cândido Lourenço, de 38 anos.

A retirada dos barracos à margem da Avenida Sucupira foi a primeira grande operação de derrubada depois que o governo anunciou medidas mais rigorosas para acabar com as invasões. Após o carnaval, os fiscais vão se concentrar em outros focos espalhados pelo Riacho Fundo. O maior deles está na QN 10, em frente à QN 8 do Riacho Fundo II. Na estimativa da administração regional, existem lá cerca de 500 barracos.